

# The Red Poppy

Por Nuno Santa Clara



Quem seguir os noticiários e outras reportagens feitas em terras de Sua Majestade Britânica, nesta altura do ano, não deixará de reparar que toda a gente, desde a Rainha ao seu mais humilde súbdito, ostenta uma papoila vermelha na lapela ao peito, quer se trate de um fato de trabalho, de um uniforme ou de um traje de cerimónia.

Essa papoila vermelha (Red Poppy) tem um simbolismo especial. Foi escolhida a partir de um poema composto numa unidade de artilharia canadiana pelo Major Médico John McCrae, nos campos de batalha da Flandres (por onde andou também o Corpo Expedicionário Português), quando, por falta de capelão, foi incumbido de presidir às últimas homenagens a um tenente, seu amigo, morto em combate. McCrae escreveu, quase de improviso, um curto poema em três estrofes, que se tornou o mais conhecido de todos os escritos durante a I Guerra Mundial.

A primeira estrofe diz assim (tradução do autor):

*“Nos campos da Flandres as papoilas florescem  
Por entre as cruces, fila após fila,  
Que marcam o nosso lugar, e lá no céu,  
As cotovias, cantando corajosamente,  
voam,  
Um fraco som sobre os canhões, cá em baixo”*

O enterro e o poema aconteceram no dia 2 de Maio de 1915; deveria ser um dia radiante de Primavera, mas a loucura dos Homens tinha transformado os campos outrora verdejantes numa

paisagem lunar, em tons de negro e cinzento, tingido aqui e além pelo vermelho do sangue

Dir-se-ia que a Natureza tinha sido escoraçada, talvez para sempre.

Mas, mesmo naquele ambiente infernal, as cotovias cantavam e as papoilas floriam, porque era a época própria.

Uma lição para os Homens: a Esperança é sempre possível. Para além da violência extrema, da coragem extrema e do medo paralisante, da destruição metódica e calculada de uma terra que tinha sido fértil, a Natureza deixava a sua mensagem: é sempre tempo de amor, é sempre tempo de renovo.

Foi isto que inspirou John McCrae, dividido entre a dor de perder um amigo e a constatação de que a Vida continuava, segundo o exemplo das papoilas e das cotovias, ditando-lhe assim um poema que se tornaria universalmente conhecido. Ele próprio haveria de morrer de pneumonia em 1918, vítima daquela epidemia que ceifaria quase tantas vidas como os campos de batalha.

O restante poema não é muito positivo. A segunda estrofe diz:

*“Somos os Mortos. Há poucos dias,  
Vivíamos, caíamos, víamos o brilho do pôr do sol  
Amávamos e eramos amados, e agora  
jazemos  
Nos campos da Flandres”.*

Mas foi o espírito da primeira estrofe que venceu, como venceu a Natureza. Daí que, a partir de 1921, a Red Poppy passasse a ser o símbolo da homenagem aos caídos na Grande Guerra. Adotada por vários países, é no meio anglo-saxónico que tem mais visibilidade, sendo mesmo promovida a

venda da Remembrance Poppy para recolher fundos para os veteranos de guerra, incluindo os deficientes.

Entre nós, os da minha idade lembram talvez a o “Dia do Capacete”. A Liga dos Combatentes da Grande Guerra, hoje Liga dos Combatentes, promovia no dia 9 de Abril, aniversário da Batalha de La Lys, a venda de um pequeno capacete, que se usava ao peito. O produto dessa venda era utilizado para apoio aos antigos combatentes.

Essa ação cívica não teve, infelizmente, a universalidade e a adesão que teve a sua homóloga Red Poppy. Decerto o Estado Novo teve com os antigos combatentes uma relação ambígua: comemorações oficiais, mas discretas; pouco incentivo a iniciativas privadas, ao contrário das associações e federações do Reino Unido ou da França, para citar dois exemplos.

No livro “Deficientes da Forças Armadas - A geração da rotura” é feita uma síntese desse relacionamento, e do alheamento dos poderes públicos da época quanto aos deficientes militares, que esteve na origem da ADFA. Mas fica esse gosto amargo do esque-

cimento. Capacete ou quico camuflado, boina castanha ou outro símbolo, ou mesmo uma flor, nenhum símbolo tem sido utilizado para lembrar o sacrifício de centenas de militares portugueses, cidadãos envolvidos em guerras e campanhas ao longo do século XX.

Ao contrário do cravo vermelho (ele próprio criado no rescaldo do fim de uma guerra).

Serão a ingratidão e o esquecimento fenómenos recentes, de uma época de mudança frenéticas?

Nem por isso. Citemos o que escreveu o Padre António de Vieira, no século XVII: “Se servistes a Pátria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma”.

Lapidar!

Para terminar, a última estrofe do poema:

*“Assumam a nossa luta contra o inimigo,  
Para vós lançamos, com as mãos sucumbindo,  
O facho; sejais vós a mantê-lo bem alto.  
Se quebrarem a fé em nós, que morremos,  
Não dormiremos, embora as papoilas cresçam  
Nos campos da Flandres”.*



ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES  
DAS FORÇAS ARMADAS

**Amália**  
92.0 FM

O evento será apoiado  
pela Rádio Amália:  
92.0 Lisboa  
100.6 Setúbal

# GRANDE NOITE DE FADOS

## 11 NOVEMBRO 2017 às 19h30

**GRUPO de FADOS do “Tejo ao Mondego”**

**Fadistas**

- António Carlos
- Jorge Lima
- Maria Albina

**Guitarra clássica**

- Carlos Videira

**Guitarra portuguesa**

- Raimundo Tereso

**Apresentador**

- Fernando Gomes

**RESERVAS** Limitadas a 90 inscrições

Pagamento efetuado no acto da inscrição  
Inscrição no Bar/Restaurante ADFA  
Sandra Vasconcelos ☎ 930677471

Associação dos Deficientes das Forças Armadas  
Cont. N.º 500032246

Avenida Padre Cruz - Edifício ADFA  
1600-560 - Lisboa